

Sobre reconstrução de Moçambique

# Frelimo confiante no sucesso na conferência de Roma

O PARTIDO Frelimo mostrou-se ontem confiante no sucesso da conferência internacional sobre a reconstrução do nosso país, que desde ontem reúne, na capital italiana, Roma, cerca de 70 delegações de países e/ou doadores, num total de mais de 300 delegados.

“Até agora, todas as de-

clarações da comunidade internacional são de apoio ao povo e o Governo moçambicanos na reconstrução do país”, disse ontem ao “Notícias” o secretário-geral do partido Frelimo, Manuel Tomé.

O dirigente do partido maioritário reagiu a uma declaração à Imprensa do gabi-

nete do presidente da Renamo, pedindo ao mundo para não alocar fundos de apoio humanitário ao nosso país, **enquanto não for efectivamente estabelecida a confiança política entre os moçambicanos.**

Para Manuel Tomé, com o nível de destruições “que tivemos e a desgraça que o

nosso povo vai ter agora que fazer face, só uma pessoa que não tem o mínimo de sentimentos humanos e de patriotismo é que pode estar a pensar da maneira como pensam os dirigentes da Renamo”.

Na sua declaração, dirigida “a toda a comunidade internacional, em geral, aos países doadores e ao corpo diplomático acreditado em Maputo, em particular”, a Renamo-UE entende que “não lhe parece crucial, nem aconselhável e muito menos prudente a realização de um fórum de países doadores”, como o que decorre desde ontem em Roma, “porque os eventuais resultados poderão vir a constituírem-se em mais um eminente foco de desconfiança, instabilidade política e social, mercê da ausência de transparência evidente na gestão dos donativos da incontestável generosidade internacional, tanto mais que ainda não se sabe, de facto, quem ganhou as eleições de Dezembro de 1999”.

Para Manuel Tomé, este posicionamento da oposição moçambicana não passa de apenas “um procedimento antipatriótico e desumano”, uma vez que o que preocupa a Renamo “é pura e simplesmente a promoção de agitação pública e propaganda barata à custa de métodos que não podem ter outra consequência senão a de fazer sofrer ainda mais o povo moçambicano”.

“Felizmente, para nós, a comunidade internacional tem parâmetros sérios e responsáveis para fazer análises pertinentes e tomar as decisões adequadas”, afirma o dirigente do partido no poder.

Às exigências da Renamo-UE, sobre a garantia de transparência na gestão e utilização dos donativos, que eventualmente serão canalizados ao país, Manuel Tomé entende que se trata apenas de alegações sem fundamentos, porque “não vai haver

desvio nenhum e a comunidade internacional não faz entregas de sacos de dinheiro”.

“Há mecanismos apropriados que possibilitam que se faça uma fiscalização pelos órgãos existentes incluindo a Assembleia da República, assim como pelos próprios organismos internacionais”, explica.

Em segundo lugar, Manuel Tomé entende que esta alegação é uma tentativa da Renamo-UE procurar ligar a situação política à situação de emergência no país e isto “só pode acontecer para quem não tem medidas, e, por isso, não mede os passos que dá para pôr em prática o seu oportunismo”.

A porta-voz da bancada parlamentar do partido maioritário, Raquel Damião, pronunciou-se também sobre a mesma matéria e considera que a Renamo jamais mudará a sua face, os seus métodos de actuação e o seu comportamento, porque “a Renamo de ontem é a mesma de hoje e será a mesma de amanhã, a menos que repense um pouco na sua posição e na sua conduta e passe a comportar-se de facto como partido de moçambicanos que se prezem por isso”.

“A posição da Renamo é desumana e antipatriótica, porque se os moçambicanos e o mundo estão preocupados e ansiosos por ver resultados concretos desta conferência de Roma, admiro-me como é que um dirigente político (Afonso Dhlakama) que se preze moçambicano, se revela contrário à resolução dos problemas mais prementes da população”, disse a parlamentar pela bancada maioritária.

Raquel Damião disse ainda que hoje Moçambique tem o seu povo a sofrer, sem o mínimo de condições, precisando de tudo para a sua sobrevivência e surge um partido a rejeitar as soluções dos que podem auxiliar.

“Isso é como um pai que quando tem problemas dentro da própria casa diz aos filhos que não podem tomar nenhuma refeição sem que o papá e a mamã resolvam os seus próprios problemas. É uma atitude ridícula esta da Renamo”, afirmou.

Raquel Damião lamentou igualmente a atitude da bancada parlamentar da Renamo-UE, que sempre se furtou aos debates das questões que preocupam o país e o seu povo, afirmando que desde o início da presente legislatura, esta coligação nunca se preocupou em resolver nenhum problema que diga respeito à população.

“Onde se apresenta um problema sério para ser debatido e tirar-se as conclusões, a Renamo-UE nunca está presente e interessado nisso. Mas quando se trata de questões mesquinhas, isso é o que a Renamo quer”, afirmou, indicando como exemplo o facto de ontem a Renamo ter participado no debate e aprovação de resoluções relativas à participação de deputados da AR nos fóruns internacionais.

“Por que é que participaram nestes debates?, apenas porque querem viajar e querem ganhar mais dinheiro”, explicou, criticando o facto de os deputados da Renamo-UE não terem participado no debate à informação do Procurador-Geral da República, “onde vários problemas foram levantados para análise, e no PES e OGE”.

“Eles sabem que com a aprovação destes instrumentos o Governo passa a ter mecanismos de funcionamento para a solução dos problemas da sociedade moçambicana e eles não estão interessados nisso”, frisou, reiterando que a Renamo jamais mudará os seus métodos de actuação, porque “a Renamo de ontem é a mesma de hoje. Nunca esteve a favor do desenvolvimento deste país. Sempre esteve a favor do retrocesso de Moçambique e dos moçambicanos”.

“Para a Renamo tudo aquilo que é para beneficiar aos moçambicanos, não serve, porque para ela, a grande preocupação é a alegada necessidade de recontagem dos votos, numa altura em que a grande prioridade é a redução do sofrimento das vítimas das cheias”, concluiu.